

Depois da escola, os dois em brincadeiras chamavam a empregada analfabeta: lápis na mão, em posição correta, transmitiam-lhe as instruções primeiras.

Mãozinhas hábeis, leves e ligeiras, e com voz infantil, porém direta, eles sonhavam atingir a meta de afastar a mocinha das barreiras. E ela fazia, sempre diligente, as lições que as crianças lhe passavam, sem discutir, alegre, e... de repente, podia ler, sem erro, nem tropeço, e ver que os horizontes continuavam das mãozinhas que foram o começo.

Alba Christina Campos Netto, Brincando de Alfabetizar; em Fanal 0104

Falhei na vida. Zut! Ideais caídos! Torres por terra! As árvores sem ramos! Ó meus amigos! todos nós falhamos... Nada nos resta. Somos uns perdidos.

Choremos, abracemo-nos, unidos! Que fazer? Por que não nos suicidamos? Jesus! Jesus! Resignação... Formamos no mundo, o Claustro-pleno dos Vencidos. Troquemos o burel por esta capa! Ao longe, os sinos místicos da Trapa clamam por nós, convidam-nos a entrar... Vamos semear o pão, podar as uvas, pegai na enxada, descalçai as luvas, tendes bom corpo, irmãos! Vamos cavar...

Antônio Nobre (1867-1900), Vai para um Convento; em Obras Primas da Poesia Univerdal (Sérgio Milliet), 1963

Morangos enfeitando rubras trilhas, despertam sonolentas lembranças de quando nuvens róseas, andariças, povoavam fantasias de crianças...

Povoando seus quintais – as suas ilhas! – com anjos, duendes, fadas em alianças de amor e paz ao sol, luar. Vigílias ninando doces bem-aventuranças. Morangos escondidos entre folhas, em desafio a quem chegasse antes. E pés corriam, mãos fazendo escolhas... Hoje, em idade adulta, a reflexão: – por que apagarmos da alma os bons instantes? Aqueles de morangos pelo chão?...

Leonilda Hilgenberg Justus, Morangos; de Pedra sem Fendas, 2002. Rua XV de Novembro 551, 84010-020 – Ponta Grossa, PR

Duermo em mi cama de roca mi sueño dulce y profundo: roza una abeja mi boca y crece en mi cuerpo el mundo.

Brillan las grandes molduras al fuego de la mañana, que tiñe las colgaduras de rosa, violeta y grana.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos III José Martí Poesia Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

El clarín, solo en el monte, canta al primer arbol: la gasa del horizonte prende, de un aliento, el sol.

¡Díganle al obispo ciego, al viejo obispo de España que venga, que venga luego, a mi templo, a la montaña!

Repara vovô, o outono acabou no ar que mudou e muda com os anos, com os desenganos que o tempo levou.

O inverno chegou e encontra você que olha e não vê que já não tem nome,

ganhou cognome, o chamam de vovô. Um vovô sem afetos sem filhos, sem netos. Um vovô que faz versos com temas diversos. Seu nome a pieguice mudou sem razão. Virou duas letras humildes discretas

palavra pequena, palavra serena com o V de velhice e o O de opressão. Qual ave sem ninho, qual barco sem quilha sem rumo ou abrigo está sem família, está sem amigo está sem carinho.

Viver sem mulher, viver sem sonhar, viver sem chorar será que é viver? Ouvir já não pode o grito que explode de dentro de si. Você já não ri. Cabelo caindo, e tudo que é lindo

na vida passou no andar arrastado, no olhar embaçado. O belo enfeou, o novo mofou na dor que o consome. Vovô meu bom homem qual é o seu nome? Sofrer não merece o velho carente

que vivo perece, que não tem parente. O vovô de ninguém é gente também.

Já foi o que somos já esteve onde estamos o seu pensamento, seu ensinamento perdeu-se no além, não tem mais valia, não serve de guia.

Ao sábio conselho, conselho de velho se aplica o desdém. O que era respeito virou preconceito. Sua mente sofrida, seus gestos tremidos, seus olhos insanos procuram perdidos direitos de vida, Direitos Humanos.

Esther Gitayh Benevides, Direitos Humanos.

Esta é pra ti meu velho que te manténs erguido dentro da pele caída que acordas cedinho pra viver mais vida que de tantas lembranças te tornas criança e na cadeira balanças, balanças... como tentando levar teu corpo a viajar no tempo para o lugar hoje preferido da tua mente.

Denise Gomes Cristal, Velho; de Servidor das Letras 2001; am.lettras@openlink.com.br

Esta é pra ti meu velho que andas arrastado por onde um dia tiveste teu reinado e tens em tuas rugas o mapa da tua vida.

Esta é pra ti meu velho que os passos pequenos que o fazem lento parecem mostrar que já ganhaste a corrida e que teu único prêmio foi mesmo a vida.

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã mais uma vez, eu sei.

Escuridão já vi pior de endoidecer gente sã. Espera que o sol já vem.

Tem gente que está do mesmo lado que você, mas deveria estar do lado de lá.

Tem gente que machuca os outros. Tem gente que não sabe amar.

Tem gente enganando a gente, veja a nossa vida como está.

Mas eu sei que um dia a gente aprende.

Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo.

Quem acredita sempre alcança.

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã mais uma vez. Eu sei.

Escuridão já vi pior, de endoidecer gente sã. Espera que o sol já vem.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem, ou que seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém.

Tem gente que machuca os outros, tem gente que não sabe amar, mas eu sei que um dia a gente aprende.

Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo. Quem acredita sempre alcança...

Renato Russo, Mais uma Vez; em "Nós Somos do Hospital Zona Sul" (Hospital Regional Sul), Microsoft Power Point, 2003

Ouve-se muito, em verdade, falar de Deus e de paz, porém de Deus a vontade nem sempre, mesmo, se faz!

Aloisio Bezerra, de Trovas sem Travo II

Bem-te-vi no galho, na tarde fria. Bem te vi ao sol.

O piá brincando com sua raia ao vento. O tempo parou.

Os pinheiros tocam-se com o vento.

Por um instante ao passar pelo jardim. Perfumes e cores.

Uma chuva fina regou o caminho com flores de ipê.

Flores de ipê. Depois de varrer a rua... flores de ipê.

Flores no jardim. Uma abelha pouca aqui e depois se vai.

Alguns girinos na lata de sardinha. Aquário infantil.

Parada de ônibus. Um cacho de ipê pela janela.

O jardim mais verde na manhã de primavera. A chuva de ontem.

Na beira do tanque o menino joga pedras. Balé de girinos.

Da grande árvore uma pena cai no chão. Namoro de pássaros.

Nas mãos da criança flores de laranjeira colhidas do chão.

De asas abertas corteja o João-de-barro sua companheira.

Por sobre o muro, transborda toda florida uma primavera.

Colhendo amoras contra o sol, minha filha uma japonesinha.

Na flor do café a abelha jataí... o preto no branco.

Nas flores do campo as abelhas vão e vêm sem parar.

Céu de tempestade... as folhas do pinheiro ficaram mais verdes.

Preto e azul. Oscilando pelo ar uma borboleta.

Manchas roxas no asfalto da avenida. Amoras maduras.

Nenhum freguês. A banca de mel na feira é das abelhas.

Uma chuva forte. A grama foi inundada com flores de ipê.

Junto com a lua na copa do pinheiro o bem-te-vi.

Menina feliz. A árvore não morreu! botões de ipê.

Vilarejo humilde entre o morro e o mar. Ar de primavera.

Terreno baldio com um tapete amarelo. Dentes-de-leão.

Primavera chuvosa. Os pardais cantando no coreto deserto.

Sérgio Francisco Pichorim, de Bem Te Vi, 2003 (Versão preliminar em editoração) – Contato: (0-41) 282-4255 / pichorim@cefetpr.br, endereço do autor: Rua Cap. Benjamim Claudino Ferreira 1253, CEP 83005-390 – São José dos Pinhais, PR

Ajude a desenvolver a consciência crítica de seu filho explicando que, assim como na televisão, nem tudo o que aparece na Internet é verdade. 5ª Dica para seu filho tirar proveito do computador, em Isto É Digital, 0001

Descansando da jornada, as andorinhas pequenas no fio à beira da estrada, formam um colar de penas.

Cecy Tupinambá Ullóa

A fortuna tem encantos mas não é justa e faz do: aquilo que falta a tantos, sobra na mão de um só...

Cássio Maguari, citado por Agostinho José de Souza

Brejeira, espertinha, catita. Brinca. Saltita. Uma cabritinha.

Cyro Armando Catta Preta; Cascatinha, de Palhas do Tempo, 1993

Ventos leves bolem. Têm lerdos gestos os cedros ao voo do pólen.

Guilherme de Almeida (1890/1969), Marcha Nupcial; de Haicais Completos (Seleção de Francisco Handa), 1996

Na calma da noite, estridentemente, ungado, serrado o silêncio.

Lyad de Almeida, de Haicais (Antologia), 1992

À tarde, quando me sento, cansado da minha idade, o que me dá mais alento é o afeto da saudade.

Moraes Lopes, citado por Haroldo Rodrigues de Castro

Sou velho mas não tacanho, não digo ou faço tolice e, embora pareça estranho, não me desgosta a velhice.

Walter Waeny, citado por Haroldo Rodrigues de Castro

Ninguém pensa quando vê, na tristeza de um cartum, que rir muito faz você, pondo o grave no comum. Mas se você é inteligente, e percebe o registrado, sorri sim, mas consciente, da importância do recado.

Por isso que o cartunista, com sua enriquecida mente, passa a vida como artista, tentando alegrar a gente.

Registrando do impossível, sua parte mais picante, sendo mesmo permissível, a quem vê, sorrir no instante.

Elisa Mariana Cembraneli, O Cartunista; em Mulas Aladas e Lobisomens, 1997

Um ser ordinário. Esconde-se atrás de todos os espelhos e nas sombras de cada homem e de cada mulher. Chamam-no Sadim ou Midas-pelo-avesso. Tudo em que ele toca se transforma em não-ouro. Se ele toca nas cores, se ele toca nas sensações, se ele toca num espírito desprevenido, tudo se torna não-ouro. Todos o olham, o sentem, o escutam e lhe sussurram um pouco. Sadim está perceptivelmente invadindo este mundo. Ser ordinário.

Roberto Saito, Midas; em Fúrias, Faísicas – O Grande Silêncio, João Scortecci Editora, 1992

O latido de uma cadela no cio interrompe o ouvir interno, procurando, talvez, seu amor genital em ânsia outra. Por que cadela? Por que mundo cão? Amor Genital

Orias adentram soterradas águas se escolhem taciturnas na fluidez untuosa, pesarosa. Nem réquiems de saparia extinta, nem sobrevivões de libélulas, nem bandos alados em gorjeios, apenas a superfície plúmbea arrastando-se, densamente triste.

Helena L. Pires, de A Alquimia dos Devaneios, 2003

Algas, aguapés, raízes ribeirinhas condensados em negros limbos não brotam. Submergem pasmos ante o buzinaço da onda móvel do automóvel faminto de espaço no intransitável funil de ponte, roncões, acelerações, imprecações...

Entre valas, dragas, guindastes – braços levantados para o alto, na ingente prece ao inalterável, o rio se arrasta ressentido do estorvo do esforço do homem. Soberano, sorvedouro, suburbano, subterrâneo subsiste.

A Morte do Rio

Ela chegou num dia nevoento, talvez trazida pelo próprio vento, só, trêmula de frio... Abri-lhe a porta, dei-lhe meu abrigo, como se faz a um verdadeiro amigo e, em meu sofá dormiu.

Dia seguinte, logo de manhã, pedi, na condição de anfitriã: seu nome e de onde vinha... – Eu sou a solidão, foi a resposta, não tenho onde morar, ninguém me gosta e ando sempre sozinha.

Antônio Valentim Rufato, Solidão; em O Desafio 0306

Com a escusa de não ter onde morar, aos poucos tomou conta do meu lar e nele foi ficando... Companheira cruel das minhas noites, parece um vendaval com seu afetos, sempre me torturando.

Ela chegou, num dia nevoento, talvez trazida pelo próprio vento, ou por um furacão... À sua sozinha ninguém resiste... Só quem a hospeda sabe como é triste a tal de solidão!!!

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) PRIMAVERA		
Abraços e beijos, é o Dia da Secretária. Sorrisos, sorrisos. Ailton Cardoso de Oliveira	Pezinhos inchados de hora a fio trabalhar. Dia da Secretária!... Edel Costa	Papagaio voa... - Livre, fogue parte minha - partiu-se a linha... Luís Koshitiro Tokutake
Suspense na escola: a criança em silêncio! Semana do Livro... Alba Christina	Sobre o ramo da mangueira; que belo azulão! Elen de Novais Felix	pela flor da goiabeira passeiam abelhas. Maria Madalena Ferreira
Com rosa vermelha, alegre, o chefe agradece. É Dia da Secretária! Aida Corrêa M. Moreira	Sô beleza à vista!... Moça contempla sorrindo broto de roseira! Ercy M. M. de Faria	As jabuticabas chamam a atenção, na feira. De abelhas, também. Maria Reginaldo Labruciano
Se agiganta a sálvia, num mar verde e pardacento, de cheirosas folhas... Amália Marie G. Bornheim	Gato sonolento, cansado após a notitada ardente, ao relento. Fernando L. A. Soares	Sobre o telhado, noites de gato em amor... Grande ninhada! Nadyr Leme Ganzert
Crianças espiam a lua branca nas águas. Rã salta do brejo. Analice Feitoza de Lima	Panela no fogo, sálvia posta no tempero. Beijos estalando. Fernando Vasconcelos	Semana da Pátria esquadri-la da fumaça tropa na avenida. Olga Amorim
Dia da Secretária. Viva!... Bem menos trabalho... Um computador! Anita Thomaz Folmann	Na alta cumeira negra silhueta dum gato... Lamentos e miados... Guim Ga	No pátio da escola crianças alegres cantam. É Dia da Arvore. Olga dos Santos Bussade
Motel dá desconto mistura de cartas e papéis Dia da Secretária. Carlos Roque B. de Jesus	Flores sobre a mesa, não faltam os presentes. Dia da Secretária! Helvécio Duroso	Na curva, velho ipê florido unido dois povos. Estrada vicinal. Orlina Alvarenga
Aberta no galho, atrai um bando de abelhas. Flor de goiabeira. Cecy Tupinambá Ulhôa	Semana do Livro. Agitação nos estandes: - preços desanimam! Humberto Del Maestro	Garoa de primavera, Formigas em revoadas. Banquete alado. Paulo Alfredo Feitoza Böhm
Explosão de cor no trançado da treliça branca: a buganvília... Darly O. Barros	Manhã de nuvens, cai chuva de primavera, minutos sem sol. João Batista Serra	Patrão não se lembra do Dia da Secretária. Agenda vazia. Renata Paccola
Desfilam garbosos no Dia da Juventude, moças e rapazes. Djalda Winter Santos	Nas águas do mar, buganvílias dançam valsa. Sol e vento, os pares. Leonilda Hilgenberg Justus	Rosas em buquê, no Dia da Secretária enfeitam-lhe a mesa... Santos Teófilo

**SELEÇÕES MENSAIS**

**FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS**

**Remeter até 30.09.03, quigos à escolha: Barata, Manga, Missa do Galo.**

**Remeter até 30.10.03, quigos à escolha: Abacaxi, Enchente, Vaga-lume.**

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu motivo principal: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos - palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

**TREVO À OCIDENTAL. ° - TREVO PERSONAGEM \* °**

Olhos negros * brilhando ao longe jabuticaba.	Dia da Amazônia. ° Em breve, um novo registro traçado num mapa.
Carlos Roque Barbosa de Jesus	Humberto Del Maestro
As flores rosadas * brincam no folhagem verde em manhã dourada.	Céu do plenilúnio. * O vento forte açoitando, desperdiça a flor.
Fernando Ribeiro da Cruz	Maria da Costa Lage

HAICUS EM FOLHA		
Salgueiros curvados, sobre as margens do riacho, pteiam as águas... Amália Marie G. Bornheim	Ramos de salgueiro beijam o portão de ferro de minha varanda... Elen de Novais Felix	Escondendo a lua, a névoa passa brincando entre o céu e a terra. Alba Christina
Farfalhar de folhas, o vento em ciranda passa no alto do salgueiro. Anita Thomaz Folmann	Num céu cor de breu um olho de brilho opaco. Lua enevoada. Darly O. Barros	A família unida, no Dia do Fazendeiro, festeja a colheita. Amália Marie G. Bornheim
Sob o manto novo de salgueiros tenras e verdes o velho salgueiro... Darly O. Barros	Na beira do lago o salgueiro debruçado. Árvores iguais. Cecy Tupinambá Ulhôa	Num banco de praça, sob a lua enevoada, casal se abraçando. Analice Feitoza de Lima
Cataratas verdes debruçadas sobre o rio salgueiros chorões. Maria de Jesus B. de Mello	Na beira do rio, belo salgueiro se inclina, olhando no espelho. Angélica Vilella Santos	O verdor do campo no Dia do Fazendeiro. Justa recompensa. Darly O. Barros
Terreno alagado. Pendentes na ribanceira ramos de salgueiro. Analice Feitoza de Lima	Salgueiros tão nus... Tapete de folhas secas, sonoros os passos. Maria App. Picanço Goulart	Imenso salgueiro defronte pequena casa, tapando a visão. Renata Paccola
Baílham salgueiros ao toque do vento inquieto. Riacho murmura. Maria de Jesus B. de Mello	Sobre a poça d'água passa a lua enevoada: sensação de paz. Djalda Winter Santos	Curva-se o salgueiro, derramando sobre a terra lágrimas de folhas. Renata Paccola
Árvores fantasmagóricas. Lua enevoada. Nadyr Leme Ganzert	Esconde todos mistérios da noite estrelada... Amália Marie G. Bornheim	o salgueiro se debruça sobre o chão molhado. Alba Christina
Crianças brincando sob o guarda-chuva nu. Salgueiro sem folhas. Renata Paccola	Protegendo amantes, cobre a face com véu fino: lua enevoada. Walma da Costa Barros	Tangendo a boiada fazendeiro feliz, festeja seu dia! Elen de Novais Felix
Lua enevoada seresteiros a cantar amores declarados. Jorge Picanço Siqueira	Grande animação. É Dia do Fazendeiro. Festa no paiol. Analice Feitoza de Lima	Lua enevoada esconde o rosal florido. Só se ouve cricris... Leonilda Hilgenberg Justus
A névoa penetra nos quatro quartos da lua embaçando a noite!... Elen de Novais Felix	Lua enevoada pairando sobre a cidade. Misterioso brilho. Lávnia Lacerda Menendez	O rancho aumentando, cada vez chega mais gente. Dia do Fazendeiro. Manoel F. Menendez

No meu espelho eu diviso a razão do meu desgosto: como é que sendo tão liso, põe tanta ruga em meu rosto!	A noivinha lá no altar está de grinalda e véu esperando pra levar o noivo como troféu!	Seu dragão, vê se inventas um truque mais eficaz; soltar fogo pelas ventas até minha sogra faz!...	Foi, recordando o passado, que pude, enfim, entender todo o tesouro guardado na fortuna de viver!	Nesta terra abençoada onde canta o sabiá, gaviões em revoadas... é que vão, pra lá e pra cá!!!	Que o direito de igualdade, não seja apenas ficção; dê aos justos liberdade, e aos corruptos a prisão.
Alberto do Valle, em O Patusco 0307	Flávio F. da Silva, em Quatro Versos 0210	Jose Overney, em Trevo na Trova 0304	Maria Aparecida Loiola, em Trovalegre 0308	Miguel J. Maltby, em Estro nº 92, sem mês de edição.	Wilson de Oliveira Jasa, em Fanal 0308

Pequena borboleta enfeitando meus cabelos por um momento. Clície M. A. Pontes	Primavera... lua gôndola no céu navega parabalicamente... Clínio Jorge de Souza	Suando, o ferroiro larga o malho quente, ao canto rival da araponga! Douglas Eden Brotto	Um gatinho imóvel ao lado um jarro de flores. Fim de tarde. Edson Kenji Iura	Em silêncio caminho gorjeio no ouvido sigo sem olhar. Edson Rufo	Tomba a velha árvore do ninho fogem os pássaros ovinhos perdidos. Estela Bonini	Primavera. Chuva. Moça de rosto molhado sombrinha furada. Eunice Arruda
--	--	---	---	---	--	--

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza - Berço do Haicai, **Kigologia** e Antologia, 1996

Cachoeira em queda formando nuvens turvadas. Chuviscos nas árvores. Ahlam Al-mansoub	Estrupido de água reduzindo qualquer som a insignificância. Lee Atonna	Cachoeira em névoa espumita-se no rio. Fim do arco-íris. Loet Bear	Enfim, o penhasco bem no caminho do rio. Veja, a cachoeira! R. A. Baumgartner	Através da névoa cabeças todas cobertas. Quedas do Niágara. Sharyl Beckett	Nas pedras reluz a água aos brilhos do sol. Jorra a cachoeira. Steve Auguste	Mirando entre folhas sol a pino em todo bosque. Fitar outro lado. Timeka Atkins
---	---	---	--	---	---	--

<http://www.poetry.com>

Dia da Amazônia ° salve o verde mundial pulmão do universo. Ailton Cardoso de Oliveira	Semana do Livro! ° Vendas bem incentivadas? O livro merece mais! Albertina Canedo Gomes dos Santos	“Livros à mão cheia...” ° Uma semana somente vale muito pouco. Alda Corrêa Mendes Moreira	Dia da Amazônia! Verde ° que abençoa o mundo... Pulmão brasileiro! Amália Marie G. Bornheim	Mergulhou no rio. ° Ploc! Fazendo redemoinho uma esperta rã! Edel Costa	A pipa é humilde. ° Só varetas, linha e papel. Mas voa tão alto... Eduardo Lopes Vieira	O sol deslumbrado. ° Reza a prece matutina, à flor do café. Elen de Novais Felix
Reinam formas, cores, ° a flora e a fauna, primores. Dia da Amazônia. Fernando Vasconcelos	No pé, a bela cor. ° No final, o paladar, da flor do café. Haroldo R. Castro	Meu gato mudou-se ° para a casa da vizinha. Felino é o amor!... Hermoclydes S. Franco	Menores na rua, ° juventude desvairada, Brasil açefaloo... João Batista Serra	Semana do livro! ° Releio o meu, engavetado no arquivo da memória! João Elias dos Santos	No azul céu em cores ° pesco perdidas lembranças nas linhas das pipas. Luís Koshitiro Tokutake	Tempos de espera. ° Minha primeira viagem misterio amazônico. Luiza Nana
Dia da Amazônia. ° E um país se esquecendo do pulmão do mundo... M. U. Moncam	Rã na parede ° prenúncio de mau tempo. Sapo só no chão. Nadyr Leme Ganzert	Semana do livro... ° A internet sorri contente nas folhas da história... Nilton Manoel Teixeira	Do Brasil riqueza! ° Teu dia cinco setembro; o mundo te inveja!... Olga dos Santos Bussade	Alencar, Machado, Bandeira... ° Ganham vida nas mãos do jovem leitor. Paulo Alfredo Feitoza Böhm	Vão ressuscitando, ° no Dia da Juventude, velhos ideais. Renata Paccola	As vitórias-régias: ° em torno delas é sempre dia da Amazônia. Sérgio Bernardo

Cada um morre do jeito que lhe agrada ou que lhe é possível. E eu resolvi morrer ontem à noite, à minha maneira, e hoje é o meu dia de forra. Até meus filhos que não apareciam há anos nem se dignavam de saber sobre a saúde de seu velho pai, acabaram dando as caras. Fizeram-se presentes. Ali ao lado do esquife (se bem que falando *abobrinhas*), estão meus antigos chefes, falaciosos e incompetentes, que tanto me magoaram, mas que hoje, forçados pelo peso da consciência, resolveram comparecer. Mesmo a cara-metade, que me vilipendiou anos a fio, apareceu discretamente, com olhos molhados de remorso e de pudor.

Hoje é o meu dia de desagravo, porque morri e fiquei importante. Enquanto vivo, ninguém sequer se prestava a ouvir uma frase, uma singela palavra da minha boca. Agora estão todos reunidos ao meu lado, sem eu convidar ou implorar. Vieram espontaneamente.

Mas repito que fiquei importante. Até os funcionários do cartório se mostraram ágeis em despachar os papeis, devido à rotina certidão de um médico, desconhecido para eles, que sempre me assegurou que eu ia bem do corpo e dos miolos e que chegaria inteiro aos cem anos. Os próprios guardas de trânsito, que viviam me multando por transgressões singelas, foram solícitos comigo, abrindo alas para o meu cortejo passar. Morrer é uma boa. Fica-se importante de uma hora para outra. E somos citados até no jornal.

Quando eu era vivo, nenhuma atenção, nenhum sorriso, nenhuma lagrima, porem agora, toda essa mordomia oferecida ao que sobrou de mim, um mero corpo inanimado. Então cheguei à triste conclusão de que as pessoas começam a ser valorizadas a partir do momento em que morrem.

Morri ontem à noite (da minha doença). Estou duro, aqui neste estranho leito de madeira, rodeado de flores que me causavam alergia, dando uma trabalhadeira danada, e ninguém reclama disso. Se fosse em outra oportunidade, estariam protestando. Morre-se e ninguém se queixa do trabalho que damos. Acham até que é obrigação, que o defunto merece. Morto é coisa importante. E quantas vezes, esses mesmos que aqui estão,

sem convite, me negaram um simples favor, uma palavra de conforto, um mero conselho, uma pontinha de atenção. Mas os homens são assim mesmo, e não haveremos de mudar absolutamente o seu comportamento, dentro dos próximos séculos. Lembro-me, neste momento, do meu querido pai, que sempre me dizia que ficaria importante quando morresse. E assim foi.

Mas hoje, aqui dentro deste caixão, todo coberto de flores (que devem ter custado o olho da cara), rodeado de tantas pessoas, hoje pelo menos, humilde que sempre fui, posso arrotar grandezas.

Pena que toda essa gente só teve tempo de me dar atenção agora que morri e quando não há remédio para mais nada.